

O Estudo da Hospitalidade por Luiz Octávio de Lima Camargo: epifania da dádiva ¹

Leandro Benedini Brusadin²

Por que o Sr. se interessou pelo estudo da Hospitalidade na lógica da sócio-antropologia?

Já que estou em uma entrevista eu posso falar mais livremente. Eu acho que há indivíduos que são sensíveis a ética da hospitalidade e há pessoas que não são. Eu fico imaginando, por exemplo, a Madre Teresa de Calcutá assistindo a uma palestra com o diretor de uma multinacional falando sobre marketing e, imagino o inverso, o diretor de uma multinacional ouvindo a Madre Teresa de Calcutá falar sobre doação de si mesmo e doação integral: são paradigmas completamente diferentes. Para muitas pessoas a história do dar-receber-retribuir não faz nenhum sentido. Essas pessoas até aceitam cientificamente porque são questões que a Antropologia está cansada de estudar e provar, mas, de forma nenhuma, elas se sentem tocadas pela mensagem. No Lazer, por exemplo, sempre me interessou o estudo que se desenvolve as margens do consumo, da distinção social e do mercado. Eu gostava muito quando perguntavam ao meu professor Dumazedier qual era o melhor lazer do mundo. Ele respondia que “era passear num parque com a namorada comendo pipoca”. Não tem consumo nenhum, ou melhor, existe um consumo no sentido antropológico: consumo de energia, um consumo de amizade e um consumo de bons fluidos. Quando eu comecei a estudar Hospitalidade, sobretudo sob o prisma da dádiva segundo Marcel Mauss (2008), isso me encantou. O que Levi Strauss trata na introdução do Ensaio sobre a Dádiva que “é impossível ler este ensaio sem experimentar uma comoção profunda, uma sensação de uma redescoberta da vida e do mundo”, pude experimentar tudo aquilo, para mim foi uma epifania e alguma coisa fechou na minha cabeça e me forneceu sentido. Eu escolho a vertente sócio-antropológica porque embora eu não sendo um sociólogo de formação eu sou um sociólogo. A Sociologia sempre foi a melhor via para eu entender o

¹ Pesquisa de pós-doutoramento realizado na EACH-USP com recursos tipo custeio do CNPq (Agosto/2015).

² Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professor Adjunto do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). email: leandrobrusa@hotmail.com

fenômeno moderno do Lazer e o melhor caminho para o conhecimento da Antropologia da Hospitalidade.

O que o Sr. considera que é necessário para amadurecer o debate acadêmico sociológico da hospitalidade no Brasil?

A Hospitalidade no Brasil, como em todo o mundo, despertou através da hotelaria e dos eventos, pois ela adquiriu um veio comercial. Para muitas pessoas Hospitalidade é Hotelaria e ponto final. Os americanos pensam assim e não tem jeito. Eu penso que a proximidade deles junto com a gente sempre leva-nos a perguntar como torná-la capaz de analisar as diferentes ações do cotidiano. Estou trabalhando com meus orientandos para tentar estabelecer uma metodologia para o estudo da Hospitalidade. O que podemos pensar quando vamos estudar o ambiente de um colégio sob o ponto de vista da Hospitalidade? As pessoas do senso comum diriam: é estudar como os funcionários e a direção recebem os alunos. Não, não é isso! Os alunos procuram por uma escola que se propõe a interação. Para mim, a hospitalidade é uma cena e você só pode estudar a Hospitalidade se você delimitar a cena. É assim que eu estou fazendo meus estudos, ou seja, estamos estudando o antes, o durante e o depois. A hospitalidade é, assim, um rito de passagem e que tem a separação, o limiar e a integração. Desse modo, estou separando a Hospitalidade nessas três fases e esse tipo de estudo nos faz amadurecer academicamente. A Hospitalidade pode ser heurística para permitir mais aberturas do pensamento científico. Para que esse conceito transmita mais conhecimento precisamos familiarizá-la com diferentes objetos e trata-los empiricamente. É até gozado porque eu cito os domínios da hospitalidade, o mesmo título que o Lashley (2004) dá para um quadro dele. Através deste quadro Lashley (2004) quis fazer epistemologia e, ainda, quis dizer que existe um núcleo da hospitalidade que mistura o social, o privado e o comercial. Aliás, o comercial eu nem sei porque está lá, mas enfim, está lá...O meu estudo foi só para mostrar para os alunos: “olhem a extensão do campo de estudo que vocês têm!”.

Que dimensão o Sr. acredita que tomou o seu estudo?

Eu comecei estudar hospitalidade há um curto tempo, ou seja, um pouco mais de 10 anos. Se compararmos com o lazer que eu estudo há 40 anos, vejamos que a diferença é enorme. Vou considerar a minha tarefa concluída quando tivermos esse arcabouço teórico em uma dada

epistemologia capaz de alcançar os objetos. Todo mundo fala de hospitalidade, mas para chegar em um dado objeto de pesquisa, situam-se variáveis muito vagas.

E referente a Marcel Mauss, por que o Sr. acredita que talvez em determinadas linhas de pensamento, este autor não tenham tanta notoriedade como tem na sociologia e na própria antropologia?

Marx. Como Marx? Exatamente porque ele foi destruído pelos marxistas quando Marcel Mauss surgiu. Ele era do Partido Socialista muito embora tivesse muitas reticências em relação ao regime comunista da União Soviética. Ele inventou a tríade do dar-receber-retribuir e para o marxismo isso é uma enganação. Anne Gotman fala que na França, por exemplo, a palavra Hospitalidade foi um estudo que entrou em cheque exatamente por conta disso. Como que um anfitrião tem poder sobre o hóspede? Como o anfitrião tem ascendência sobre o hóspede? E a igualdade, como que fica? O Mauss (2008) descobriu o DNA do vínculo humano. O vínculo humano se forma desse jeito, ou seja, através da dádiva e contra dádiva sucessiva.

Neste contexto mundial em que o poder material parece prevalecer é difícil tratar do espírito das coisas?

Não há meio-termo nesse caso. Eu diria para você assim: quanto mais apegado aos bens materiais uma pessoa for, mais dificuldade ela tem de aceitar o paradigma da dádiva. O próprio Mauss (2008) dizia que todos nós somos egoístas. É fato que todos nós somos um pouco egoístas, mas, uma coisa é ser egoísta querendo fazer o bem com a retribuição da sensação de ter feito algo por outra pessoa, a outra é ter a sensação do dinheiro no bolso. As leis da hospitalidade são tão universais que suspeito que transcendam a cultura. Por que? Minha neta nasceu quando eu já estava estudando hospitalidade e pude observar que, se algum amigo dava alguma coisa para ela, imediatamente minha neta saía atrás para procurar para dar alguma coisa para ele também. Ninguém precisou ensinar isso a ela. E se você pensar bem, qual que é a estratégia humana para se aproximar e para interagir com animais? É dar comida porque ele responde com carinho. Então, eu já não vou ter coragem de escrever isso porque precisaria ser muito bem pensado mas, para mim, as leis da hospitalidade transcendem a cultura e o próprio ser humano já que se estendem para os rituais dos animais também.

E o Sr. acredita que o mercado vem se utilizando das próprias regras não escritas da hospitalidade para fins comerciais?

Sim. O mundo comercial mimetiza as leis da hospitalidade. Quais são as leis de Hospitalidade? A primeira é que ela é enunciada pelo Derrida (2003) da hospitalidade ser incondicional: você tem que oferecer hospitalidade a quem pede e se você pode não fazer isso entra no campo da inospitalidade. Segunda coisa, o anfitrião tem que honrar o hóspede e o hóspede tem que honrar o anfitrião. E a terceira é que o anfitrião é dono do espaço e da cena. O comércio mimetiza do jeito que pode e de todo o jeito a hospitalidade.

É impossível a dádiva penetrar no mercado?

Sem isso, eu não tenho nenhum problema com o mercado. Eu só faço questão de dizer o seguinte: se eu chego num boteco sem olhar direito para a pessoa e ficar fazendo palavra cruzada e dizer: “por favor, um guaraná”! O garçom responde: “tá, tá, tá, tá”! Em seguida: “Ah, está aqui”! Ele lhe dá o papelzinho e você vai lá no caixa pagar, pega o seu dinheiro e depois o troco e vai embora. Essa cena é de uma hospitalidade neutra. Entretanto, tudo o que acontece além dali já faz parte da hospitalidade. O “bom dia”, o “boa tarde”, o dizer: “olha, mas o senhor não prefere que faça assim ou assado”! Então, você só tem que ignorar esse substrato comercial existente e pode passar a investigar o que existe no resto.

No caso da hospitalidade do povo brasileiro, que relação o senhor pode fazer entre o “homem cordial” de Sergio Buarque de Holanda (1995) e a leitura antropológica de hospitalidade do povo brasileiro conforme a teoria da dádiva de Marcel Mauss (2008)?

O brasileiro tem mais do que os povos de urbanização avançada, pois tem o calor humano e isso é uma circunstância histórica. São Paulo é basicamente um produto com a migração rural e as outras cidades brasileiras são produtos da migração rural até 1960. De onde vêm essas pessoas que enchem a cidade? São pessoas que começaram a viver com negros e índios só que, ao invés de trazer os negros e índios para a cultura europeia de origem deles, foram eles que adotaram os costumes de índios e negros. Você sabe que em 1850, em São Paulo, se falava tupi-guarani. Essa população rural é aquela população cordial da qual trata Sérgio Buarque de Holanda que é cheia de calor humano, seja para o bem seja para o mal. Calor humano para abraçar, entretanto calor humano para ter um surto com violência e, depois, ficar bonzinho outra

vez. Por gostar de pegar nas pessoas e por gostar de intimidade nós somos caipiras. Nós temos o calor humano do caipira porque até 1950 essa população não teve contato com a vida urbana, tal como diria Antonio Candido.

O Sr. acha que a vida urbana possui algo da hospitalidade na sua essência?

Não, o que a cidade faz é instituir a urbanidade que é um tipo de hospitalidade ensaiada. O que a urbanidade e o que o viver na cidade ensina é o seguinte: não fale com estranhos simplesmente por falar. Se tiver que falar com ele nada de intimidade, faça o que tem de fazer e ponto final. E ainda ensina a ter muito cuidado para criar vínculo sem saber de quem se trata. A urbanidade só coloca barreiras para a verdadeira hospitalidade. A diferença dos brasileiros em relação aos franceses, por exemplo, é que eles têm pelo menos mais 10 gerações de vida na cidade e aprenderam a ter urbanidade com rituais muito rígidos de contato. No entanto, quando eles [os franceses] finalmente te conhecem e gostam de você, a amizade é muito mais genuína do que a nossa [brasileira] que é uma amizade superficial. Você chama de amigo qualquer um e nem sabe o nome dele. O processo civilizador que o Nobeit Elias (1994) trata exatamente disso, ou seja, é um processo de transformação de indivíduos no campo em indivíduos na cidade. Só que nessa passagem o que se perde? Se perde calor humano e surge uma grande pergunta: o brasileiro é hospitaleiro? Não. O brasileiro tem muito calor humano. Ele é caipira, só isso. O brasileiro não sabe realmente ser hospitaleiro no sentido moderno da palavra porque é evasivo.

Que desejo acadêmico o Sr. tem para o estudo da hospitalidade sobre essa lógica sociológica e antropológica?

O que eu desejo é que a Hospitalidade passe a ocupar o papel relevante como uma perspectiva nova de estudos nas Ciências Humanas, ou seja, onde houver relação humana exista o estudo da hospitalidade. E o meu ponto de vista é que a Hospitalidade é um conceito construído em cima de quatro outros conceitos: relação interpessoal, virtude, ritual e troca. O Mauss (2008) entra na troca que não é toda Hospitalidade propriamente dita. Eu gostaria de trabalhar esse caminho e no estudo de tornar o estudo da Hospitalidade mais possível. Uma das coisas que eu penso ser a maior lacuna do senso comum sobre a hospitalidade é considera-la apenas como um ato do anfitrião e não como um ato do hóspede também. A cena só é hospitaleira se o anfitrião e hóspede se portarem de forma hospitaleira, se os dois obedecerem as leis da hospitalidade, fato

que é muito difícil obedecer porque a hospitalidade envolve comunicação. No entanto, não é só comunicação verbal, estamos tratando de comunicação não-verbal o que é insere esse campo em um universo complicadíssimo. É fantástico se tudo isso for estudado feito porque a Hospitalidade tem o dom de trazer a tona boa parte da produção acadêmica que foi esquecida e, ainda, dá um foco na virtude e no incremento do vínculo humano dentre as relações sociais.

Bibliografia

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: Trinta e Quatro, 1997.

DERRIDA, Jacques; DUFOURMANTELLE, Anne. *Da hospitalidade*. Trad. Fernanda Bernardo. Viseu: Palimage, 2003.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

GOTMAN, Anne. O comércio da hospitalidade é possível? *Revista Hospitalidade*, São Paulo, V. VI, número 2, jun. – dez. 2009

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LASHLEY, Conrad. Para um entendimento teórico. In: LASHLEY, Conrad, MORRINSON, Alison (orgs.). *Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*. Manole: Barueri, 2004.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Tradução: António Filipe Marques. Lisboa: Edições 70, 2008

Recebido em: 17/02/2016

Reavaliado em: 20/10/2016

Aprovado em: 27/10/2016